

2. A Didática da História na atualidade: experiências, reflexões e possibilidades

Coordenadoras: Profa. Dra. Cíntia Regia Rodrigues

Data e horário do simpósio: 05/05 (sexta-feira), a partir das 13h30.

Resumos aprovados

**(DES)INDIVIDUALIZANDO NO COLETIVO: UMA ANÁLISE DAS
RELAÇÕES ESTABELECIDAS NOS ESPAÇOS DE CONVÍVIO A PARTIR
DOS USOS DO TRANSPORTE COLETIVO DE BLUMENAU**

Maicon Roberto Poli de Aguiar¹

Resumo:

O transporte coletivo em Blumenau é utilizado diariamente, em média, por cerca de cento e doze mil usuários. São pessoas que se deslocam de suas casas para trabalhar, estudar, comprar e praticar lazer nos trinta e cinco bairros da cidade, utilizando-se de uma infraestrutura que engloba seis terminais de ônibus e cerca de noventa linhas. Apesar de ser lícito junto a iniciativa privada, este se configura num transporte coletivo público, fiscalizado pelo SETERB – Serviço Autônomo Municipal de Trânsito e Transporte de Blumenau –, devendo cada usuário utilizá-lo de forma a estabelecer o melhor convívio possível com os demais usuários. Entretanto, em debate realizado por membros do Grêmio Estudantil da Escola de Ensino Médio Professora Elza Henriqueta Techentin Pacheco, foram diagnosticados diversos problemas enfrentados pelos estudantes de nossa unidade escolar no uso do transporte coletivo, com foco no relacionamento estabelecido entre os usuários e os espaços ocupados pelos mesmos. Com base nesse levantamento, foram elaboradas dez questões, as quais foram aplicadas a 1768 usuários do transporte coletivo de Blumenau, nos seis terminais de ônibus da cidade, no dia 16 de maio de 2016. Tabulados e analisados os resultados, os (as) membros do Grêmio Estudantil elaboraram um cartaz – com os resultados da pesquisa – e um panfleto – com sugestões de melhor convívio – para trazer essa discussão para dentro da comunidade escolar. Os debates em torno dos resultados do questionário aplicado também serviram como encaminhamento para a pesquisa e discussão acerca do conceito de individualismo – e sua prática em outros espaços de convívio, tais como a casa, a rua, a escola, etc. – e da relação público/privado no uso dos espaços – e seus aparelhos – utilizados pelos estudantes da escola, visando, assim, o desenvolvimento de ações que contribuam na amenização dos problemas diagnosticados e, na consequente humanização nessas relações de convívio.

Palavras Chaves: Transporte, Individualismo, Público/Privado.

¹ FURB/UDESC, mestre, professor da E.E.M. Profª Elza Henriqueta Techentin Pacheco.

REFLEXÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA HISTÓRIA

*Hiago De Souza*²

Cláudio Luciano Matteussi

Durante o ano de 2016, o subprojeto de História do programa PIBID atuou na Escola Básica Municipal Gustavo Richard. Nesse período de atuação foi desenvolvido o tema Mulheres na História. A proposta trabalhada foi desenvolver uma didática mais lúdica, com a criação de um jogo. Os objetivos dessa didática lúdica era transformar o espaço da sala de aula em um ambiente mais criativo, prazeroso e dinâmico, além de compreender a participação e as realizações das mulheres em todos os períodos históricos. A criação do jogo partiu de estudos realizados previamente na sala. Esse estudo se configurou em pesquisas no livro didático para destacar a representação da Mulher nele contido. Outra abordagem foram as leituras de textos e documentos históricos extras didáticos apresentadas e discutidas sob a orientação dos bolsistas e professor supervisor. Durante as atividades de leituras e pesquisas, os alunos foram motivados para buscar na História, mulheres que exerceram atividades relevantes na construção de sua sociedade. Mulheres que se apresentaram como símbolo de mudança. Outro aspecto da pesquisa foi a leitura e interpretação de imagens como fontes históricas e através das imagens, perceber o significado e a importância das roupas e dos cenários representados naquele contexto, diferenciar as posições sociais através das imagens e a relação com os demais períodos históricos, possibilitando a realização de diálogos na sala. Portanto, outro destaque do jogo, foi a análise entre passado e presente. Conseguir através do jogo, perceber qual a influência e a importância das mulheres nessa construção social e política da humanidade. Durante a elaboração das leituras e análises, os alunos conseguiram perceber que as mulheres exerceram uma influência determinante em movimentos sociais e que isso possibilitou a ampliação de seus direitos na sociedade. Confrontar os diferentes contextos históricos através do lúdico tornou-se uma experiência gratificante na avaliação dos alunos, pois conseguiram perceber que existem outras possibilidades de pesquisa no campo da História. A utilização do lúdico nesse processo de aprendizagem despertou nos alunos o interesse pela participação nas atividades coletivas e uma maior interação com as demais turmas da escola. O processo de desenvolvimento do jogo e suas regras foram criados de forma coletiva, proporcionando uma interação maior com o conteúdo e a execução do jogo, pois se tornaram criadores e jogadores da sua produção lúdica. Considerando que, foram pequenos historiadores nas pesquisas e leituras que fundamentaram o jogo.

Palavras Chaves: Mulheres, História, Lúdico.

² Universidade Regional de Blumenau, Graduando, PIBID/CAPES

OS INDÍGENAS E SUAS REPRESENTAÇÕES: diagnóstico sobre quem é, ou não indígena

Jaqueline Marquard³

Resumo (25 linhas)

O estudo da temática indígena, na história do Brasil, atravessou diversos momentos. O indígena que já foi rotulado, como sendo desde o culpado pelo o atraso do desenvolvimento do Brasil, até chegar a ser o protagonista recente, de uma lei que institui o ensino da temática indígena. Esses povos, que por vezes, também foram esquecidos na historiografia nacional e principalmente na historiografia regional, ocupam hoje um lugar de destaque na produção acadêmica e consequentemente, também possuem uma produção mais acentuada de materiais didáticos, impulsionados pela demanda. Materiais didáticos estes, que são o objeto de estudo neste trabalho pois, que com a implementação da lei nº 10.643 de 2003, que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino da temática indígenas nas escolas públicas e particulares, os livros didáticos devem abordar o tema em seu conteúdo. Com a lei, observasse uma grande mudança e incremento da temática nos livros didáticos, bem como, com a produção de diversos livros paradidáticos. Entendo esse movimento no campo da educação, a análise da pesquisa em questão, provem de um diagnóstico realizado com alunos do 7º ano da “E. E. B. General Rondon”. Diagnóstico este, que foi elaborado na Disciplina de História Indígena, no Mestrado Profissional em Ensino de História, PROFHistória. O diagnóstico, tem por objetivo compreender o conhecimento prévio, que os alunos têm sobre o tema. Para compor este diagnóstico, foram escolhidas doze imagens das mais variadas formas e momentos em que se mostravam indígenas, nas mais diversas atividades, desde os habitantes das reservas, até o primeiro médico indígena. Com o resultado, espera-se propor meios didáticos mais eficientes e condizentes com a realidade dos alunos, para que as aulas possam ser ministradas de maneira a despertar o senso crítico, e desconstruir as falsas representações que os mesmos possuem a respeito dos indígenas, sua cultura, modo de vida e demandas sociais atuais. Pretende-se também, compreender melhor os materiais didáticos disponíveis nas instituições de ensino, principalmente aqueles destinados aos professores.

Palavras Chaves: Ensino, História Indígena, Diagnóstico.

³ Professora da rede Estadual de Ensino na “E.E.B. General Rondon”

Reflexões sobre o Racismo Institucional com estudantes do Ensino Médio: uma experiência como bolsista PIBID

Letícia Costa Silva⁴

Resumo

Tendo em vista a marginalização a que jovens negros são sujeitados pelos mecanismos oficiais de repressão, importa discutir o tema do Racismo Institucional com adolescentes inseridos num contexto de violência. Sendo assim, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) vinculado ao Departamento de História da Universidade do Estado de Santa Catarina, desenvolveu-se uma oficina, com uma turma de segundo ano do Ensino Médio de uma escola pública, situada no bairro Itacorubi, em Florianópolis. A intenção da atividade era apresentar a alunas e alunos documentos que as/os incitasse a reflexão acerca do genocídio da juventude negra no Brasil. Visando a criar um panorama da situação da juventude socialmente excluída desde os anos 1960, com o cerceamento da liberdade de expressão exercido por militares em tempo de ditadura, utilizaram-se canções que retratam o tratamento despendido pela Polícia Militar às populações segregadas devido a fatores étnico-raciais e econômicos. Dialogando com autores e autora que discorrem sobre a didática da História (LEE, 2011; RÜSEN, 2006) e o uso da canção como documento no ensino de História (HERMETO, 2012), o presente trabalho relata e discute as estratégias utilizadas para abordar o tema do Racismo Institucional com a turma e os resultados percebidos nas e nos estudantes após a intervenção pedagógica. Em um primeiro momento, a oficina foi tomada como um fracasso, devido à pouca participação da turma no debate. Mas, com o passar dos dias e o retorno das produções escritas solicitadas às/aos estudantes, percebeu-se que os resultados foram alcançados de forma diferente do esperado, refletindo-se, principalmente, fora do ambiente da sala de aula, nos diálogos e posicionamentos da turma.

Palavras Chaves: Ensino de História; PIBID; Racismo Institucional.

⁴ Graduanda em Licenciatura em História pelo Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bolsista do Programa de Iniciação à Docência PIBID/CAPES.

**CULTURAS POLÍTICAS: APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DO
TEMPO PRESENTE DAS RENOVAÇÕES PEDAGÓGICAS DO ENSINO
PÚBLICO VOCACIONAL (SÃO PAULO, 1961- 1969)**

Yomara Feitosa Caetano de Oliveira Fagionato⁵

Resumo

Os Ginásios Estaduais Vocacionais (GEVs) foram experiência de renovação pedagógica do nível de ensino secundário público realizado no Estado de São Paulo, entre 1961 e 1969. Uso os debates sobre as culturas políticas entendo-as como contraditórias e fluídas, pensada no plural, o que permite compreender sistemas de valores, de normas e de crenças partilhadas em função das leituras comuns do passado e/ou de suas aspirações em relação ao futuro, bem como por suas representações sobre a sociedade. Assim, olho às experiências dos vocacionais como fenômeno cultural ligado ao fazer político, através das fontes normativas que regem as instituições, por entender que estas mesmas normas e finalidades definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar. Propõe-se compreender a culturas políticas de implantação do Sistema de Ensino Vocacional considerada uma Instituição comunitária. O recorte deste texto sugere lançar possíveis pistas histórias para se refletir sobre renovação do secundário, esclarecendo sobre a implantação, organização e estrutura administrativa e pedagógica com os quais os diferentes Ginásios Estaduais Vocacionais se respaldavam. A partir deste norte, proponho através da categoria de culturas políticas situar este texto no campo da História do Tempo Presente (HTP) para esclarecer as prescrições do ensino integrado de outros tempos com outros sentidos possíveis de compreendermos parâmetros de integração e/ou interdisciplinaridade, bem como também de como e o que renovar nas práticas educativas e curriculares como forma de contribuição reflexiva histórica. Portanto, com estas perspectivas busco investigar a cultura política via fontes prescritivas em textos normativos como leis, decretos, projetos pedagógicos, textos teóricos sobre a experiência dos ginásios vocacionais.

Palavras-chave: História do Tempo Presente; Culturas políticas; renovação pedagógica do vocacional.

⁵ Doutoranda em História do Tempo Presente do Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH - UDESC). Integrante do Grupo de Pesquisa “Culturas Escolares, História e Tempo Presente” da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), e integrante do Laboratório de Didática da História - LADIH da Universidade Regional de Blumenau (FURB). Bolsista da CAPES. E-mail: yocaetano@hotmail.com

XXIV SEMANA ACADÊMICA DE HISTÓRIA - FURB

As formas de conceber e apresentar as mulheres no contexto da Ditadura Militar. Olhares a partir da prática do PIBID-HISTÓRIA 2016.

Rafael Edmundo da Silva⁶
Anne Caroline Peixer Abreu Neves⁷

Resumo

Este projeto foi desenvolvido na Escola de Educação Básica Professor João Widemann com uma turma de terceiro ano do Ensino Médio matutino durante o ano letivo de 2016, sendo planejado a partir de uma temática central que abordou a história das mulheres no Brasil durante o contexto da Ditadura Militar entre os anos de 1964 e 1985. Todas as aulas foram planejadas a fim de apresentar de maneira crítica o período histórico aos estudantes, identificando e analisando a figura da mulher inserida naquela sociedade, pensando desde o cotidiano feminino relacionado à esfera privada e familiar, até sua participação ativa nos movimentos de resistência ao regime ditatorial. Visou-se a utilização de fontes históricas como recurso didático, sendo utilizados acervos publicitários do período, documentos escritos e em forma de vídeo reunidos pela Comissão da Verdade articulados no relatório “Brasil Nunca Mais”, fotografias que retrataram as mulheres na região do Vale do Itajaí e, imagens apresentando a pichação como forma de manifestação utilizada naquele momento histórico e nos dias de hoje. As aulas adquiriram movimento através do desenvolvimento de três oficinas que trabalharam com os estudantes: a importância da história oral para permitir voz aqueles que muitas vezes não constam nos documentos oficiais, também como analisar propagandas que tinham como alvo o público feminino, além das discussões sobre os tipos de intervenções urbanas que utilizam a arte como forma de manifestação. Esse processo desencadeou algumas atividades avaliativas que incluíram desde a realização de entrevistas com mulheres da região que foram jovens na época estudada, a releitura de propagandas voltadas para a figura feminina, até a manifestação cultural em forma de pichação de um muro “fictício” instalado em um espaço da escola.

Palavras Chaves: PIBID-História, Mulheres, Ditadura Militar.

⁶ Graduando do curso de História na FURB – Universidade Regional de Blumenau.

⁷ Professora efetiva de História nas redes públicas municipal e estadual do município de Blumenau, atuando como professora supervisora do PIBID-HISTÓRIA desde 2016.

Gênero e mídias: uma oficina no PIBID-História da UDESC
*Monique Coelho*⁸

Resumo

As discussões sobre as relações de gênero, são cada vez mais necessárias nos diversos âmbitos de nossa sociedade, afinal uma série de estereótipos e preconceitos acerca do que é ser homem e do que é ser mulher são reproduzidos diariamente pelos sujeitos em suas relações cotidianas e por instituições, governos e, sobretudo, por meios de comunicação. As representações de gênero, por exemplo, são facilmente identificadas nas esferas propagandísticas e servem para determinar aquilo que homens e mulheres podem ou não consumir, podem ou não ser. A partir da análise dessas imagens e noções - amplamente divulgadas e distribuídas em anúncios da televisão, jornais, revistas, internet, etc – e de tudo o que elas representam para a construção das relações de gênero, tem-se a temática deste trabalho. O lugar de abordagem dessa temática é a escola, espaço multifacetado que recebe indivíduos em formação que lá vivenciam diferentes experiências, entre elas as que se referem as representações de gênero.

Considerando tais questões o PIBID História da UDESC propôs e realizou um bloco de oficinas sobre gênero e história com 2 turmas de Ensino Fundamental e Médio da Rede Estadual de Educação Básica, em Florianópolis. O objetivo central dessas oficinas foi realizar uma reflexão sobre as representações de homens e mulheres presentes na mídia e assim dialogar com os estudantes sobre as mesmas. Nossa ideia, de modo geral foi refletir acerca daquilo que os estudantes já compreendiam sobre o conceito de gênero vinculado ao papel da mídia e de como os mesmos articulavam-no com outras questões políticas e sociais. Nas oficinas, sugerimos atividades de análise de revistas focando propagandas e imagens de homens e mulheres. Essas atividades e discussões serviram como caminhos para a investigação dos conhecimentos prévios que os alunos possuíam em relação ao tema. O trabalho apresentado aqui traz as observações acerca das reflexões dos alunos que, mesmo carregando concepções próprias em torno do conceito de gênero, de um modo geral, mostraram-se interessados em debate os preconceitos identificados nas publicações, bem como nas repercussões desses em nosso cotidiano. Promover a discussão é nossa forma de informar e formar os estudantes para o respeito as questões de gênero e para uma vivência mais igualitária entre homens e mulheres.

Palavras Chaves: Ensino de História. Relações de Gênero, PIBID

⁸ Graduanda do curso de Licenciatura em História na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Neste trabalho foi orientada pela Profa. Dra. Nucia Alexandra Silva de Oliveira.

Professoras Catarinense: uma reflexão sobre o Exame de Admissão em Santa Catarina

Amnda Zuffo Nicoleit dos Santos⁹
Cristiani Bereta da Silva¹⁰

Resumo

Este artigo busca analisar a relação das professoras catarinense com o Exame de Admissão ao Ginásio—instituídos com a reforma Francisco Campos, de 1931, e descontinuados oficialmente com a promulgação da Lei nº 5.692, de 1971. Isto se dará por meio da metodologia da história oral empregada na análise das narrativas das professoras, que apresentam vestígios não somente sobre a sua vivência em relação ao exame, mas também nas de seus alunos. Estas narrativas mostram indícios não apenas dos conteúdos, e aqui me atentarei aos de História, cobrados, mas de quem fazia tais exames e da forma com que a escolarização formal era compreendida pela sociedade.

Palavras Chaves: Ensino de História, Santa Catarina, Exames de Admissão ao Ginásio.

⁹ Graduanda em história pela Universidade do Estado de Santa Catarina, bolsista PIBIC/CNPq

¹⁰ Doutora em História. Professora do Departamento de História, do Programa de Pós-Graduação em História, do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq.

XXIV SEMANA ACADÊMICA DE HISTÓRIA - FURB

A mulher e a indústria: experiência do PIBID/ História com o 8º ano da Escola

Izolete Müller

Claudemar Costa Müller¹¹

Marilene Porto Klueger¹²

Resumo:

De acordo com o eixo central e com a turma (8º ano) que seria contemplada com as atividades do PIBID/História no ano de 2016, elencou o estudo das mulheres no contexto da Revolução Industrial. A partir deste recorte, o grupo de Pibidianos (Claudemar, Eloise, Jeferson, Luan, Nicole e Victor, dividiu-se em 4 subgrupos: a 1ª Revolução Industrial, a 2ª Revolução Industrial; Industrialização do Brasil e a Industrialização do Vale do Itajaí. Para que assim, pudessem ser ministradas aulas que mostrassem a situação da Europa no século XVIII, a mulher e seu papel numa sociedade patriarcal para se alcançar os nossos objetivos na verificação das condições socioeconômicas e políticas que explicam o pioneirismo inglês na industrialização, Identificando as principais características dessa revolução, analisando a situação do operariado no contexto da divisão do trabalho e do uso de novas tecnologias nas manufaturas e nas indústrias, refletindo sobre a degradação do meio ambiente provocada pelos efeitos negativos da industrialização na época da Revolução Industrial e no presente para uma percepção da importância da organização da classe operária na Inglaterra para a conquista de direitos trabalhistas e identificar as principais reivindicações, problematizando os avanços trazidos pela Revolução Industrial com a exploração do trabalho, inclusive infantil. Por fim, conseguimos alcançar nosso objetivo no desenvolver das atividades que levaram a um entendimento de um período complexo de nossa história e que está intimamente correlacionado com as atividades que desenvolvemos nos dias de hoje, havendo a modificação das atividades trabalhistas não simplesmente como uma revolução que ocorreu do dia para noite, mas que levou décadas para sua execução e que os motivos não são únicos numa temporalidade congelada e sim em uma sociedade de constante modificação.

Palavras Chaves: Mulher, Revolução Industrial, PIBID/História.

¹¹ Furb, graduando em história- PIBID/História.

¹² Escola de Educação Básica Professora Izolete Elisa Gouveia Müller, graduada em história, PIBID/História.

**ENTRE A ÁFRICA PLURAL E A ESCRAVIDÃO: A HISTÓRIA DAS
ÁFRICAS NOS RELATÓRIOS FINAIS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO DA
UDESC (2007 - 2015)**

*Maíra Pires Andrade*¹³

Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar quais são as representações sobre a História das Áfricas e das populações de origem africanas que são apropriadas e expressas pelos estudantes do Curso de graduação em História da UDESC na condição de estagiários na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado após a implementação da Lei federal 10.639/03. Isto é, irei verificar quais os sentidos e abordagens dado a História das Áfricas pelos estudantes na posição de professores em escolas de Educação Básica, buscando perceber como estes se apropriam das orientações da Lei 10.639/03 e quais foram as mudanças e permanências depois da regulamentação desta normativa. Portanto, minha pesquisa busca compreender as apropriações dos indivíduos em relação a História das Áfricas a partir de dois níveis: primeiro a apropriação dos alunos da graduação como estagiários e segundo a apropriação dos estudantes da escola. Para o alcance desses objetivos, utilizarei como fonte histórica os Relatórios finais de estágio da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado da UDESC, selecionando uma amostragem a partir do recorte temporal de 2007 a 2015. Atentarei nas novas posturas, conteúdos e categorias que a partir do marco da Lei passam a ser inseridos no Ensino de História. Em suma, irei perceber as modificações que a partir desse recorte emergem como elementos diferenciais e importantes nos relatórios no que diz respeito a um ensino de história das Áfricas numa perspectiva antirracista, investigando a existência de apropriações dos estagiários das legislações, mas também identificando as permanências de um ensino de história pautado na colonialidade e no racismo. Como aporte teórico usarei autores como Fanon, Quijano e Mbembe para pensar a colonialidade e o racismo na atualidade e Hall para mobilizar o conceito de representação. Este artigo é um recorte de uma dissertação de Mestrado em desenvolvimento na UDESC, na área de História do Tempo Presente, que perceberá as rupturas nestes relatórios antes e depois da aprovação da Lei 10.639/03, no recorte temporal mais amplo de 2000 á 2015, estabelecendo relações entre as apropriações dos estagiários e o que é compreendido pelos estudantes das escolas que são campo de estágio.

Palavras Chaves: História da África, Lei 10.639/03, Racismo.

¹³ Graduada em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Mestranda em História na UDESC com financiamento da CAPES.

O lugar das populações indígenas nos livros didáticos de história: uma análise a partir da lei 11.645/2008

Kerollainy Rosa Schütz¹⁴

Resumo

Este artigo é fruto de uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso e visa, a partir da análise de quatro coleções de livros didáticos de História fabricados antes e após a lei 11.645 de 2008 que obriga, para além do ensino de história e cultura africana e afro-brasileiro, o ensino da temática indígena nas escolas de ensino fundamental e médio, públicas e particulares. As coleções anteriores a lei são *História Temática* (2000) e *História e Vida Integrada* (2001) e as posteriores a sua homologação são *Vontade de Saber História* (2012) e *Jornadas.hist* (2012). O trabalho parte da análise de algumas iconografias dos livros, todas relacionadas à temática indígena, e mantém a análise pensando os textos e atividades que, por vezes, as acompanham. Aqui, será pensando como essas imagens, textos e atividades mobilizam a história indígena principalmente no período colonial, pensando no sentido de identificar rupturas e permanências nesses casos analisados. Analisar coleções de livros didáticos que foram produzidos antes e depois da lei 11.645/2008 constitui-se enquanto uma estratégia que tem o objetivo de perceber os possíveis impactos da lei. Os livros didáticos são produzidos e avaliados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que deve, entre outras coisas, perceber se os livros produzidos encontram-se dentro das normas estabelecidas pelo próprio programa. A lei 11.645 é posterior a lei 10.639/2003 que obriga o ensino da temática africana e afro-brasileira nas escolas. Com a homologação da lei 11.645/2008 a temática indígena passa a ser obrigatória, e portanto sua inclusão no ensino deve ser feita tanto através da formação de professores, pelo apoio das instituições escolares em sua implementação, das secretarias de saúde, quanto, também, na produção de materiais didáticos. O artigo é construído, primeiro, a partir de uma introdução que contextualizará a promulgação da lei 11.645, bem como a produção de livros didáticos no Brasil. Apresentará os aportes da perspectiva do trabalho, a Nova História Indígena; refletirá sobre a importância de pensar a iconografia nos livros didáticos de História e, por fim, fará a análise e reflexão acerca de algumas imagens escolhidas pra pensar como os alunos são convidados a pensar os sujeitos indígenas nas páginas dos livros, pensando sempre na importância de entender o protagonismo e a diversidade desses sujeitos.

Palavras Chaves: Nova História Indígena, Lei 11.645, Livros didáticos.

¹⁴ É graduada em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e mestranda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) na linha de pesquisa História Indígena, Ethnohistória e Arqueologia. É bolsista da CAPES.